

Joe Sacco: a Palestina em quadrinhos

Joane Leôncio de Sá¹
(UFPE)

Resumo:

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar uma leitura de imagens da novela gráfica *Palestina: na Faixa de Gaza*, de Joe Sacco, destacando a sua produção singular de jornalismo em história em quadrinhos, através do cunho memorialista de suas próprias vivências durante viagem investigativa realizada ao território da Palestina, junto ao processo de produção do autor num somatório de fotografias, memórias e recriação artística. Para tanto, utilizamos o suporte teórico de autores como Laurent Gervereau, Winfried Nöth e Lucia Santaella, no que concerne aos estudos de leitura e interpretação de imagens e fotografia.

Palavras-chave: *Joe Sacco, Fotografia, Leitura de imagens, Quadrinhos.*

Abstract

The main objective of this work is to present an analyses of the images of Joe Sacco's graphic novel *Palestine: in the Gaza Strip*, highlighting its journalistic and memorialistic aspects acquired through the experiences of the author during an investigative journey he made to the territory of Palestine. We use the theoretical support of authors like Gervereau Laurent, Winfried Nöth and Lucia Santaella, with regard to studies of reading and interpreting images and photography.

Keywords: *Joe Sacco, Photography, Image reading, Comic books.*

Consideremos uma exposição fotográfica nos dias atuais: os visitantes olharão as fotografias, geralmente, como forma de apreciação, sem necessariamente enquadrá-las em algum discurso ideológico ou científico. Essa leitura de imagens diverge da interpretação de cunho científico, difundida pelo semiologista Roland

1. Licenciada, Especialista e Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco.

Barthes², de que a única forma de comentar uma imagem seria criar um texto sobre ela. Radicalismos à parte, o embasamento teórico da semiótica muito contribuiu para a análise das representações imagéticas.

Indo além dos fundamentos semiológicos, Laurent Gervereau afirma que “observar uma imagem, de modo diferente do que com uma simples intenção de consumo fugaz, é fazer-lhe perguntas”³. Dessa forma, elementos como autor, ambiente, época, contexto, e inclusive receptor, serão preponderantes para uma decodificação de uma imagem, uma interpretação além da apreciação.

Para tanto, Gervereau estabelece uma proposição de análise formada por três etapas: a descrição, a evocação do contexto e a interpretação. A etapa da descrição consiste em observar uma imagem na tentativa de captar elementos singulares, na intenção de compreender o que se observa. Nesse momento são agenciadas as possíveis instâncias de análise, como por exemplo, o emissor, o modo de identificação do emissor, a data da produção, o suporte, a técnica empregada, o formato e a localização. No que concerne a tais ferramentas, Hours atenta para o fato de que:

Os métodos científicos aplicados ao estudo das obras de arte estão em constante evolução; dividem-se em quatro grupos: os métodos de exame, de medição, de análise e de datação. [...]. A análise científica contribui, em primeiro lugar, para o conhecimento do material utilizado pelo artista, para esclarecer as características da sua tecnologia e o estado real de conservação (restauro, acidente ...), mas contribui também para a percepção das transformações ocorridas em todas as fases do acto criador, o que permite tomar consciência das pulsões profundas do artista (HOURS apud GERVEREAU, 1956, p.47).

No âmbito da etapa de evocação do contexto aborda-se a estilística trabalhada, atrelada a fatores como o número de cores utilizadas, o cálculo das superfícies e da predominância das cores, o volume e a intencionalidade do volume, entre outros. Essa etapa caracteriza-se como uma forma de evitar interpretações precipitadas, afastando assim interpretações demasiadamente informais e rudimentares.

2. Cf. BARTHES apud GERVEREAU, 1956, p. 32.

3. Cf. GERVEREAU, 1956, p. 41.

Segundo Gervereau (1956), o estudo do contexto é uma etapa indispensável para trabalhos acadêmicos, apesar de considerar facultativo para o consumidor da imprensa ou curioso (aqueles que tentam adentrar, seja parcialmente na significação da imagem, seja para sentir o prazer na escolha da interpretação). A invocação do contexto considera ainda duas etapas: contexto a montante e contexto a jusante. A primeira fase aborda como imperativo de pesquisa desde o ícone (imagem), o autor, até uma contextualização mais global da sociedade na qual ele se insere (contexto exterior); enquanto que a segunda fase é atrelada a questões como difusão e recepção da imagem.

Referente à interpretação, adentraremos no campo da temática, abordando questões como “qual o título e qual a relação texto-imagem”; “quais símbolos”; “quais as temáticas de conjunto”, entre outras. Essa fase é apoiada nas fases anteriores de descrição e evocação do contexto, a fim de estabelecer bases sólidas na análise, considerando para tanto “as hipóteses”. Consiste em abarcar as significações iniciais e significações posteriores (do autor ou autores) e as considerações pessoais (do espectador).

Gervereau considera importante os relatos e as teorias emitidos pelos autores a respeito de suas próprias obras, como um enriquecedor “mosaico de elementos úteis para se forjar uma convicção” (1956, p.87). Essas seriam as significações iniciais, enquanto que as significações posteriores estariam relacionadas a estudos posteriores, como por exemplo, catálogos de exposições e documentários de outrem tratando da obra do autor. O distanciamento da crítica, nesse momento, faz-se preponderante para uma análise mais heterogênea e menos limitada das imagens.

As considerações pessoais não são excluídas dessa engrenagem. Após o acúmulo dos estudos anteriores, o analista encontra-se, agora, teoricamente mais preparado para emissão de suas próprias interpretações e conclusões sobre o objeto de estudo; podendo ainda apoiar-se em outras teorias para o suporte das suas considerações. Essa etapa finda o processo, caracterizando-se como um momento conclusivo após o compilamento de todas as etapas precedentes.

Como podemos perceber, a leitura *científica* de uma imagem requer uma infinidade de técnicas e conhecimentos que contribuem para um aprofundamento da significação da imagem decodificada.

A fim de aplicar a metodologia aqui apresentada, selecionamos algumas imagens da novela gráfica *Palestina: na faixa de Gaza* (2005), do quadrinista e jornalista Joe Sacco. Nascido em Malta (1960) e criado nos Estados Unidos, o autor é considerado atualmente como o maior representante do jornalismo em HQ. Se aplicarmos a etapa da descrição na Figura 1, por exemplo, teremos essas características do autor da imagem⁴.

A obra foi publicada em 2005, porém baseada nas experiências do autor, entre o final de 1991 e início de 1992, em Jerusalém, Cisjordânia e na Faixa de Gaza, conforme descrito no prefácio da obra. *Palestina: na Faixa de Gaza* é o segundo volume dentre as nove edições frutos dessa vivência do autor.

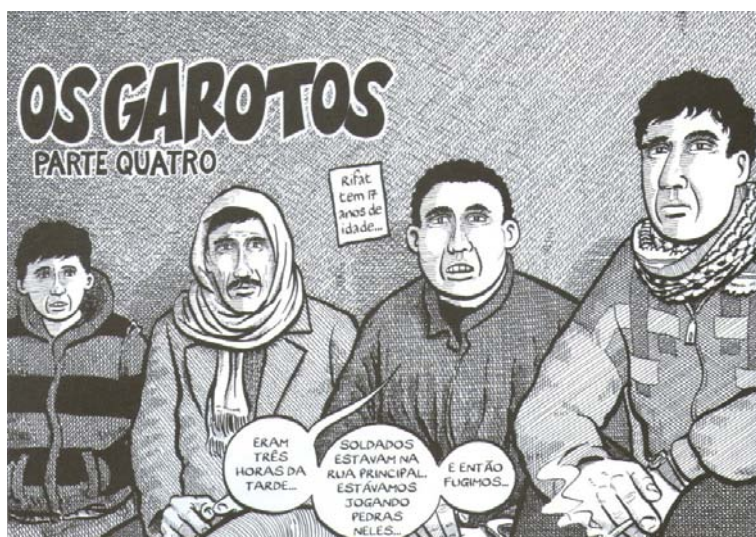


Figura 1: rapazes contam suas experiências no conflito de Gaza.
Fonte: *Palestina: na Faixa de Gaza*, Conrad, 2005.

O suporte utilizado é o formato das Histórias em Quadrinhos, em preto e branco, com enfoque nos detalhes da descrição do ambiente representado e das feições e expressões das pessoas entrevistadas.

O método de trabalho consiste, na maioria das vezes, em fotografar a cena vivenciada, bem como os entrevistados informalmente, e depois desenhar a imagem na linguagem e no formato dos quadrinhos, a partir da fotografia, segundo explica Sacco:

4. Cf. RODRIGUES, 2011. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/joe-sacco-e-a-autonomia-artistica-dos-quadrinhos/>>.

No local, não desenho muito, só faço sketches nos casos em que não é permitido fotografar. Tiro muitas fotos, converso com as pessoas, tomo notas. Quando volto para casa, meu método é escrever então um roteiro completo. Adoro escrever, mas nunca sei se um roteiro vai me tomar seis semanas ou seis meses. Quando ele fica pronto finalmente, começo a desenhar quadro por quadro. É um trabalho lento, mas este pelo menos eu sei quanto tempo me tomará. Nunca faço rascunhos, como muitos desenhistas, porque acho chato. Desenho direto (SACCO em entrevista durante a FLIP apud RODRIGUES. In: VEJA, 2011).

Quando falamos em entrevista informal, o fazemos pelo fato de Sacco inserir-se no ambiente não através da imagem de um entrevistador, mas como um visitante, o qual se hospeda na casa das pessoas, participando da rotina delas, e muitas vezes criando vínculos de amizade. Dessa forma, o quadrinista constrói uma imagem do contexto a partir da vivência “in loco”. Um exemplo dessa aproximação é mostrado na Figura 2:

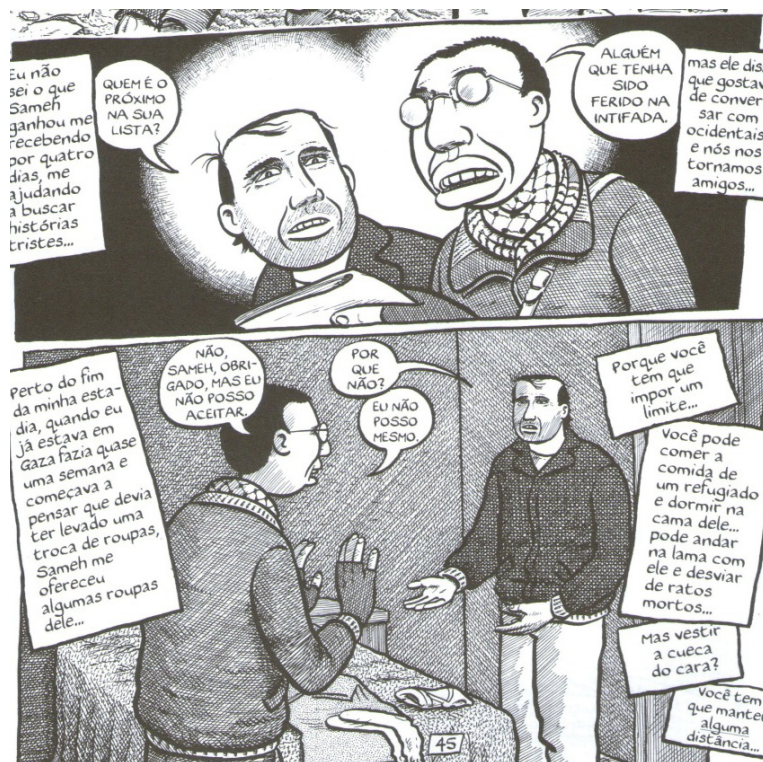


Figura 2: Sacco hospedado na casa de Sameh.
Fonte: Palestina: na faixa de Gaza, Conrad, 2005.

Durante o período em que esteve hospedado na casa de Sameh, Sacco, além de dormir no quarto do colega, no final de quatro dias precisou de roupas limpas,

devido à escassez de água no local; e apesar de Sameh oferecer suas roupas, Sacco não aceitou por considerar o fato um abuso de hospitalidade.

No que concerne à localização, percebemos uma minúcia na representação dos lugares através da quantidade de detalhes presentes nos desenhos, como é exemplificado no cenário da Figura 3, durante uma carona de carroça na cidade de Jabalaia; local onde Sameh havia passado a maior parte da vida.

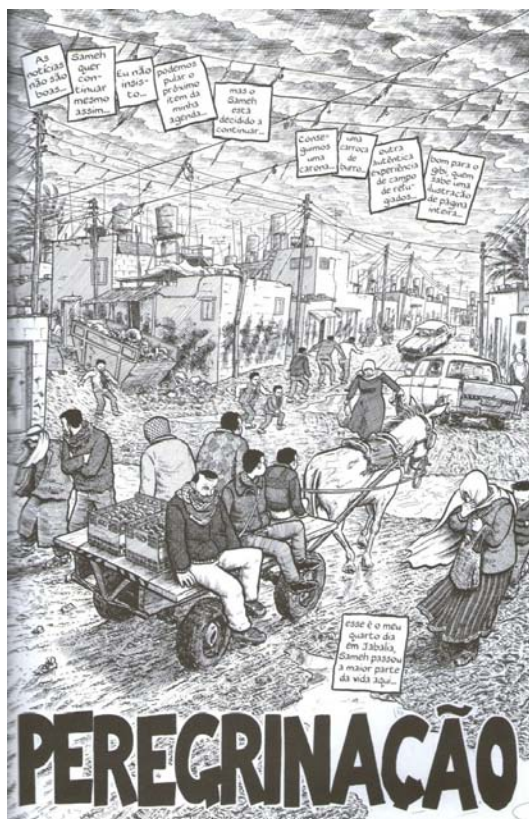


Figura 3: Carona em Jabalaia.
Fonte: Palestina: na Faixa de Gaza, Conrad, 2005.

O nível de detalhamento alcança tal amplitude que de imediato visualizamos as condições de pobreza do lugar, assim como percebemos o vento forte e o frio através das roupagens e expressões das pessoas figuradas.

Passemos agora ao estudo do contexto, verificando o produto da edição da Editora Conrad, de 2005, com sua chamativa capa em cores (Figura 4), cujas figuras centrais se assemelham aos personagens da violência urbana no Brasil, e poderiam ser confundidos com bandidos brasileiros, numa cena de guerra entre traficantes ou algo semelhante.

Comparando-a com a edição americana da Fantagraphics Books, de 2001, percebemos o aspecto claramente apelativo da edição brasileira, que simplifica o traço do autor e o aproxima dos quadrinhos lúdicos. A edição americana, porém, mantém o padrão do desenho original em sépia, salvaguardando as referências documentais e jornalísticas do trabalho em questão, que destacam, antes, a precariedade e miséria do lugar, num retrato das péssimas condições de vida da população, focalizando a falta de saneamento urbano, a lama, o lixo, a decadência das habitações, e pondo em primeiro plano não os rebeldes, mas a imagem do cotidiano sacrificado de mulheres e crianças a caminho da escola, e de pais de família a caminho do trabalho.

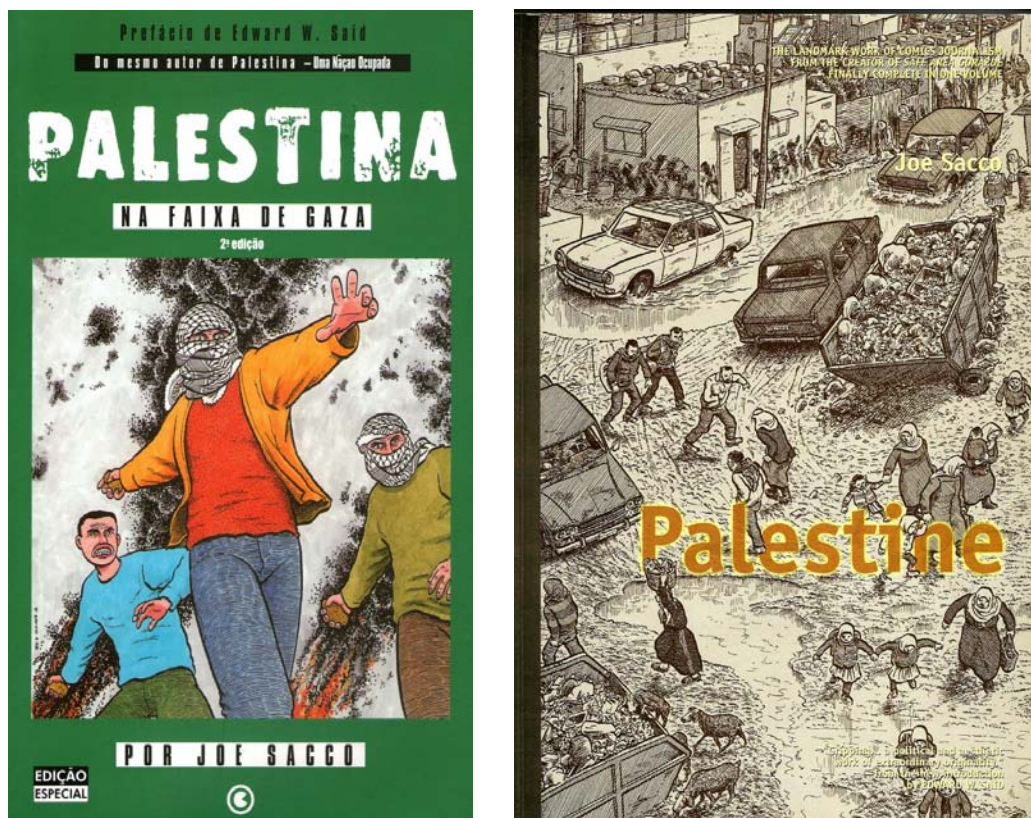


Figura 14: Capa em cores, da edição brasileira da Conrad (2005); e em preto e branco, da Fantagraphics Books (2001)

Verificaremos a seguir o uso da técnica da fotografia e da recriação do jornalismo nos quadrinhos, conforme visto anteriormente; em ilustrações caricaturais (traço esquemático e suas ranhuras desenhadas à mão, conforme Figura 3), com um estilo próximo das charges de jornal, não perdendo a fidelidade das informações. Esse processo criativo empírico foi consequência da vontade do autor, até mesmo devido às suas

origens árabes, em escutar o “lado” dos palestinos diante dos conflitos apresentados pela mídia através do ponto de vista dos estrangeiros, bem como dos israelenses.

Entre 1922 e 1948, a ocupação das antigas províncias da Mesopotâmia e da península arábica pelo imperialismo francês e inglês redesenhou o mapa político da região. Os judeus ingressaram na Palestina com o apoio do exército britânico em decorrência da perseguição nazista.⁵

Foi nesse contexto e com o propósito de conquistar a “terra prometida”, de milênios outrora, que muitos judeus migraram e ocuparam a Palestina e exigiram seu território. Para tanto, os palestinos que lá viviam foram expulsos de suas casas e exilados num território imposto, permanecendo nesse conflito até os dias atuais. É nesse universo tenso que Joe Sacco constrói sua obra.

Em entrevista coletiva durante a Feira Literária de Paraty (FLIP) de 2011, Joe Sacco comentou que sua postura crítica em relação ao envolvimento dos Estados Unidos nas questões do Oriente Médio teve início ao perceber uma forte tendência da imprensa norte-americana em reproduzir apenas a perspectiva israelense sobre os conflitos, construindo uma associação direta entre muçulmanos e o terrorismo. No entanto, Sacco frisou que o fato não consistia uma justificativa para os extremismos de ambos os lados.⁶

Passaremos agora da evocação do contexto para a etapa interpretativa, através dos relatos do próprio autor sobre suas razões e metodologias adotadas na criação de sua obra. O criador classifica seu trabalho como uma espécie de jornalismo, utilizando, assim, um método de reportagem com suas especificações e compromissos com a fidedignidade dos fatos, porém atrelado à linguagem do gênero das histórias em quadrinhos, que possibilita uma maior liberdade criativa:

O que eu faço é jornalismo, e como tal precisa ter precisão. Mas com quadrinhos você pode viajar no tempo com rapidez, retratar o passado com precisão, se tiver uma boa pesquisa fotográfica e entrevistar as pessoas certas, fazendo as perguntas certas. Tenho muito respeito pelo

5. Cf. DEL ROIO, 2004.

6. Cf. RIBEIRO, 2011. Disponível em: <<http://mtv.uol.com.br/memo/atracao-da-flip-quadrinista-joe-sacco-nega-o-rotulo-de-representante-da-palestina>>.

fotojornalismo, mas ele trabalha com a ideia da foto que resuma toda uma situação. Quando se trabalha com múltiplas imagens, há muito mais que pode ser dito. Em prosa também se pode dizer, mas sinto que os quadrinhos valorizam mais a recorrência dos detalhes. Por exemplo, se houve uma enchente catastrófica em determinado lugar, o escritor vai mencionar isso uma vez. Nos quadrinhos, a lama vai sempre estar lá, no plano de fundo, mesmo que a cena principal seja, digamos, uma conversa sobre futebol. Um escritor não repete o tempo todo: “A propósito, havia lama no fundo da cena”. Nos quadrinhos, a lama vai estar sempre lá. (...) Um problema é o tempo que leva para produzir. O jornalismo normalmente trabalha com a ideia da instantaneidade. Eu, quando volto para o escritório após levantar todas as informações, penso: ‘Bom, já sei o que vou fazer nos próximos quatro anos’.” (SACCO em entrevista durante a FLIP apud RODRIGUES, In: VEJA, 2011).

No entanto, Sacco destaca-se dos demais jornalistas devido ao tipo de vivência no local das reportagens, num posicionamento que transborda numa linguagem mais próxima do real, “descortinando”, para imprensa e leitores em geral, um lado da história que não adentrara nas versões históricas ocidentais legitimadas. A respeito disso, ARBEX comenta que:

[...] os quadrinhos de Sacco dão “visibilidade aos árabes invisíveis” ao mostrar um grupo social que não tem voz na mídia e, quando aparece, tem sua imagem relacionada ao fundamentalismo religioso. No entanto, conforme pontua Arbex, o quadrinista-repórter não faz um “panfleto palestino”, mas sim mergulha nas histórias de vida narradas e extrai delas o sentimento dos palestinos que vivem em meio aos conflitos [...] (ARBEX apud GALLAS; VIVEIRO, 2009, p.04).

Como no processo criativo de Sacco a fotografia constitui o ponto de partida, poderemos acrescentar uma análise a partir do paradigma fotográfico apresentado por Lucia Santaella e Winfried Nöth (1998). Os autores propõem um critério materialista de classificação da imagem em três paradigmas, a partir da teoria dos signos de Peirce, que considera o objeto de representação diante da possibilidade de ser “qualquer coisa existente, perceptível, apenas imaginável, ou mesmo não imaginada”.

O primeiro paradigma, o pré-fotográfico, consiste na produção artesanal de criação da imagem, expressando a visão por meio de habilidades manuais e corporais. O segundo, o fotográfico, considera a automatização na produção da imagem, na

captação através da máquina. Enquanto que o terceiro paradigma, o pós-fotográfico, consiste em utilizar processos matemáticos de geração da imagem, através de técnicas computacionais⁷.

É importante observarmos que a divisão dos três paradigmas, por consistir num critério materialista, remete a determinar o modo como as imagens são “materialmente produzidas”, quais seriam os materiais, técnicas, instrumentos ou mídias utilizadas, uma vez que o estudo de tais meios são considerados pontos de partida

imprescindível para a compreensão das implicações mais propriamente semióticas das imagens, quer dizer, das características que elas têm de si mesmas, na sua natureza interna, dos tipos de relações que elas estabelecem com o mundo, ou objetos nelas representados, e dos tipos de recepção (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 162).

Em relação ao paradigma fotográfico, e sendo o ato fotográfico o fruto de cortes⁸ que focalizam o real a partir de determinado ponto de vista, torna-se intrigante e de certa forma inovador o fato de as imagens captadas por Sacco serem direcionadas a partir do posterior enquadramento das histórias em quadrinhos. Ao captar uma foto, há a previsão de como será construída e adaptada à imagem em HQ, uma vez que essa é a finalidade do seu processo criativo. O suporte material será veiculado em quadrinhos.

Na sequência, após o paradigma fotográfico, encontramos a ideia do paradigma pré-fotográfico, quando a HQ será produzida artesanalmente. As imagens são construídas num processo manual, e o diferencial consiste na origem da captação, diretamente por meio da fotografia, e indiretamente do real.

Concernente ao formato em quadrinhos, podemos destacar a possibilidade criativa de construção da imagem. Há, nesse caso, um processo de adaptação imagética do contexto a ser representado. E no caso de Sacco, essa ideia é ainda mais aprofundada, quando são somados ao contexto das fotografias, as memórias e impressões da experiência do autor, que culminam no produto da imagem final em HQ.

Após análise das imagens de Joe Sacco, apoiada nas teorias aqui exemplificadas,

7. Cf. SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 163.

8. Cf. SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 165.

ressaltaremos o fato de o autor muitas vezes se incluir no contexto das imagens dos quadrinhos (Figuras 2 e 3), adaptando as imagens fotográficas. A liberdade permitida na linguagem das HQs pode condizer justamente ao fato das diversas interferências do desenhista. Interferências e inferências que transpassam a estática do universo fotográfico, quando ele soma suas impressões e lembranças, transformando a si mesmo num dos personagens da história.

Percebemos também, a partir da sequência de análises, a importância do estilo de Sacco como uma abertura de parâmetros metodológicos na produção de imagens, através do pioneirismo de um novo gênero – o jornalismo em quadrinhos –, que demanda uma diversidade de estudos que aprofundem e propaguem essa técnica. Tais contribuições somam-se às detalhadas revelações históricas e cotidianas que possibilitam um novo olhar esclarecedor sobre um conflito de grande impacto na sociedade global, e que, apesar de antigo, ainda não vislumbra um horizonte de paz.

Referências

DEL ROIO, Marcos. *O imperialismo e o problema da Palestina*. Revista Espaço Acadêmico. n. 32. Jan./2004. Mensal. ISSN 1519-6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/032/32ip_roio.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2012.

GALLAS, Anna; VIVEIROS, Lucas. *Quadrinhos e jornalismo: a importância do híbrido de Joe Sacco para a comunicação social*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 11, 2009. Teresina: INTERCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0598-1.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

GERVEREAU, LAURENT, *Ver, compreender, analisar as imagens*. Tradução de Pedro Eloi Duarte. Lisboa, ed. 70 (1996) 2007.

RIBEIRO, Guilherme. *Atração da Flip, quadrinista Joe Sacco nega o rótulo de 'representante da Palestina'*. Memo. UOL. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://mtv.uol.com.br/memo/atracao-da-flip-quadrinista-joe-sacco-nega-o-rotulo-de-representante-da-palestina>>. Acesso em 21 de junho de 2012.

RODRIGUES, Sérgio. *Joe Sacco e autonomia artística dos quadrinhos*. Todo prosa / Vida Literária. Veja. São Paulo, 09 jul. 2011. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/joe-sacco-e-a-autonomia-artistica-dos-quadrinhos/>>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

SACCO, Joe. *Palestina: na Faixa de Gaza*. São Paulo: Conrad, 2005.

SANTAELLA, L. E NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.